

COLÉGIO INTERNACIONAL DE SÃO BERNARDO ORDEM CISTERCIENSE

Prof. Daniel HOMBERGEN, OCSO

**LITERATURA MONÁSTICA LATINA
DOS PRIMEIROS SÉCULOS
INTRODUÇÃO AO AUTOR E AO TEXTO**

Curso de Formação O.Cist.
(Pro manuscrito)

Cúria Geral da Ordem Cisterciense
Roma 2003

LITERATURA MONÁSTICA LATINA DOS PRIMEIRO SÉCULOS

Introdução

O curso consiste sobretudo em uma leitura dos textos escolhidos pela tradição monástica de língua latina do período antes de São Bento, isto é, do século IV até o século VI. Nesse contexto devemos fazer alguma nota biográfica sobre os autores principais. Passando em revista esses autores, poderemos ter uma idéia global do movimento monástico ocidental na sua fase inicial. De tudo isso ficará claro a ligação profundíssima do nascente monaquismo ocidental com aquele oriental que nos é fonte de inspiração.

1. Atanásio, a Vida de Antônio (Antão) e as primeiras traduções latinas

Atanásio (295-373) foi bispo de Alexandria de 328 em diante, mas uma grande parte do período do episcopado transcorre no exílio. Ele estava no centro da crise ariana, isto é, a crise dogmática concernente à consubstancialidade do Filho (e depois também do Espírito Santo) em relação ao Pai, consubstancialidade que vinha refutada pelos arianos (e depois pelos neo-arianos). No período entre o Concílio de Nicéia (325) e o primeiro de Constantinopla (381), os arianos formavam um bloco de poder, sustentado por alguns imperadores. Por conseqüência, Atanásio, fervoroso propagador da ortodoxia nicena, teve de deixar a sede episcopal de Alexandria cinco vezes durante o seu episcopado. Duas vezes passou pelo exílio no Ocidente em períodos consideráveis: em Trier, de 335 a 337; em Roma (e Itália), de 340 a 346. Atanásio tinha, portanto, contatos sólidos com o mundo ocidental.

Em 356, Atanásio novamente teve de fugir da sede de Alexandria, e desta vez encontrou refúgio junto aos monges do deserto do Egito, isto é, no ambiente de Santo Antônio (Antão) – 251 a 357. Aqui Atanásio permaneceu por cinco anos (356-361). Imediatamente depois da morte de Antônio, dedicou-se à composição da *Vida de Santo Antônio* (357), que tornou-se fonte de inspiração

para muitas gerações de monges e de autores espirituais, seja no Oriente, seja no Ocidente.

No prólogo, podemos ler alguma coisa sobre circunstâncias que levaram Atanásio a escrever o trabalho. Ele se endereça a um público que (quase seguramente) está no Ocidente, e é de língua latina. Segundo De Vogue (*Histoire littéraire* I, 1991, pp. 18-20), a *Vida de Antônio* teria sido escrita em grego por Atanásio e *simultaneamente* traduzida para o latim por um anônimo que estava próximo dele, para leva-lo ao Ocidente. Assim, temos com essa *Vida* uma perfeita “edição bilíngüe” em um só trabalho. Ainda se pudéssemos fazer qualquer objeção a esta hipótese, permaneceria o fato de que a primeira tradução latina foi feita ao menos muito rapidamente depois do texto grego, digamos entre 357 e 360. Essa tradução anônima é uma versão literal muito escrupulosa, rigidamente fiel ao grego. Foi publicada por G. Garitte em 1939 e revista por H. Hoppenbrouwers em 1960. A nós serve, sobretudo, uma terceira edição: G. Bartelink, *Vida de Antônio* (Vida dos Santos I), Milão – 1974.

Logo depois dessa versão rigidamente literal, sentia-se já a necessidade de uma tradução latina mais elegante, pra que se tivesse um texto mais acessível aos educandos. Por isso, Evágrio de Antioquia, amigo de Jerônimo, nos fez uma segunda tradução entre 370 e 375. É esta a tradução que tornou-se a mais conhecida no mundo ocidental. Essa tradução é encontrada duas vezes no *corpus* de Migne: PL 73, 125-170 (*Vitae Patrum*); PG 26, 833-975 (*Athanasius II*, ao lado do texto grego).

Para completar, devemos dizer que o texto grego foi publicado em edição crítica apenas em 1994, por G. Bartelink, no volume 400 da coleção *Sources Chrétiennes*.

2. Jerônimo

Jerônimo (347-419) nasceu em Stridone na Damlácia (hoje ex-Iugoslávia) em uma família de classe alta. Recebeu a educação clássica em Roma, no início dos anos 60. Sabemos pouco sobre o período, a não ser que foi caracterizado por uma forte tensão em um a vida de cobiça, com todas as dissoluções dos valores cristãos. No

período de 365-366 começa o catecumenato e recebe o batismo. Em 367 passa a Trevere, onde Atanásio viveu o primeiro exílio (335-337). Trevere é um centro do poder imperial, de cultura e de estudos, mas pode-se encontrar ali também as primeiras tentativas de vida monástica ocidental, sob a influência de Atanásio. Ali Jerônimo descobre o ideal monástico, o que significa a ruptura com os pais que o tinham predestinado para uma alta carreira social.

Em 370, Jerônimo se dirige para Aquiléia (capital da região do Mar Adriático a Leste da atual Veneza). Ali existe uma comunidade ascética formada em torno ao bispo carismático Valeriano. Jerônimo faz parte daquela comunidade, junto com alguns amigos de juventude, como Rufino e talvez também Evágrio de Antioquia. Porém, a comunidade não obteve grande sucesso. Em 373 se dispersa, obviamente por causa de certas tensões, mas sabemos pouco sobre isso (juntamente com o que nos diz o próprio Jerônimo na *Carta 3,3*).

Depois da dispersão da comunidade de Rufino, passando por Roma, dirige-se ao Oriente e finalmente se estabelece em Jerusalém sobre o Monte das Oliveiras junto com Melânia, a Anciã. Em 374, também Jerônimo faz a viagem para o Oriente, desejoso de conduzir a vida ascética à Terra Santa. Enfraquecido pela fadiga de uma viagem difícilíssima, é constrangido a parar em Antioquia, onde é hospedado pelo amigo Evágrio de Antioquia (exatamente no período em que este último fez a segunda tradução latina da *Vida de Antônio*).

Em 375, Jerônimo retira-se para o deserto de Calcida na Síria (a cerca de 150 Km a sudeste de Antioquia). É um centro monástico onde Jerônimo encontra muitos anacoretas, dos quais admira a austeridade ascética. Em seu tempo de eremita, dedica-se não apenas à prática ascética, mas também ao estudo do grego e do hebraico, com a convicção de que a vida espiritual está estreitamente ligada ao estudo profundo da Palavra de Deus, isto é, da Bíblia. Nesse período (talvez em 376), escreveu também a sua *Vida de São Paulo*.

Com seu temperamento veemente, inclinado ao extremismo e ao rigor, a luta ascética contra as paixões, os vícios e os maus pensamentos é pesadíssima. Longos períodos de desespero precedem os breves momentos de consolação espiritual, como podemos ler na famosa passagem autobiográfica na *Carta 22, 7*. Mas há também

outras tentações: sobretudo a desilusão do “noviço zeloso” quando descobre que os co-irmãos não são perfeitos. O deserto de Calcida está dividido por ásperos conflitos e também por acontecimentos da crise ariana perturbam as celas dos reclusos. Em 379, Jerônimo retorna a Antioquia, onde é ordenado sacerdote, querendo também tornar-se monge.

Em 380, junto com o amigo Epifânio, bispo de Salamina (Chipre), Jerônimo passa por Constantinopla, donde Gregório de Nazianzo tornou-se bispo. Jerônimo conhece o “Teólogo” dedicado à vida contemplativa, aprofunda o estudo da Bíblia e traduz algumas obras de Orígenes. Naquele momento, também o jovem diácono Evágrio Pôntico encontra-se no ambiente de Gregório de Nazianzo, mas sabemos pouco sobre um eventual contato que Jerônimo poderia ter tido com ele. É interessante saber também que Jerônimo encontra-se em Constantinopla, justo no momento do grande Concílio de 381.

Em 381-382, depois da renúncia de Gregório de Nazianzo, à sede episcopal, Jerônimo se dirige a Roma, onde torna-se o secretário do Papa Damaso. Promotor do desejo da vida contemplativa, ele torna-se também guia espiritual de um grupo de senhoras da alta nobreza que, descontentes com a vida mundana na metrópole de uma antigüidade tardia, querem dedicar-se ao ideal asceta. A mais famosa dessas senhoras é Marcela, Paula e a sua filha Eustáquia. Em 383-384 Jerônimo escreve a sua famosa *Carta 22* a Eustáquia para exortá-la à virgindade.

Em Roma, Jerônimo faz também a crítica do clero, provocando o ódio desse grupo contra ele. Goza de forte apoio do Papa Damaso no conflito, mas o Papa morre em 384. A posição de Jerônimo, pouco dotado de talento diplomático, torna-se insustentável, e, em 385, deixa a velha capital para dirigir-se ao Oriente tendo atrás de si algumas das senhoras nobres, principalmente Paula e Eustáquia. Passam por Chipre, pela Palestina e pelo Egito. Em 386, Jerônimo se estabelece em Belém, onde Paula, tendo chegado primeiro e fundado um mosteiro feminino, manda construir um mosteiro masculino guiado por Jerônimo. Assim temos em Belém a dupla fundação de Paula e de Jerônimo, enquanto em Jerusalém, sobre o monte das Oliveiras, estão em uma situação parecida Melânia, a Anciã, e Rufino.

Jerônimo permanece em Belém por todo o resto da vida, isto é, até 419. Esse longo período de 33 anos poderia ser dividido em três fases:

- 1) 386-393: o período inicial em Belém. Nesse período, Jerônimo dá muitos frutos. Talvez seja o período melhor e mais harmonioso da sua vida. Faz a tradução latina da Bíblia, com o Antigo Testamento diretamente traduzido do hebraico (Vulgata). Escreve sobre duas outras vidas monásticas: a *Vida de Ilarião* e a *Vida de Malco* (por volta de 390). Escreve também uma certa parte do Epistolário (que finalmente conterà 157 cartas).
- 2) 393-404: o período da primeira controvérsia origenista. No contexto da biografia global de Jerônimo, pode-se dizer muito brevemente: Jerônimo, que fora um grande admirador de Orígenes, muda de opinião sob a influência de Epifânio, o caçador dos hereges, e de agora em diante combate violentamente a influência de Orígenes. A consequência trágica (ao lado de todos os prejuízos no mundo monástico em torno de 400) é a áspera inimizade com Rufino, o amigo de juventude, que permanece apegado à admiração por Orígenes e traduz para o latim as suas principais obras (Ver também a biografia de Rufino, abaixo).
- 3) 404-419: do período da morte de Paula até a própria morte. Em 404 morre Paula e Jerônimo, vencido pela dor, escreve a *Carta 108*, como um grande elogio (*Em memória de Paula*). Depois, sempre com dores, traduz a coleção dos “*Preceitos pacomianos*”, que tiveram uma grande influência sobre a legislação monástica do Ocidente. Em 411, escreve a *Carta 125* ao jovem Rústico como uma espécie de “diretório” da vida monástica por volta de Por volta de 415, Jerônimo se envolve em um outro conflito, qual seja, aquele contra os pelagianos que negam o papel da graça de Deus na luta humana contra o pecado (que se deveria fazer, segundo eles, exclusivamente com a própria vontade). Escreve também a *Carta 133* a Ctesifonte, na

qual incrimina Evágrio Pôntico, já morto em 399. Aqui encontramos pela primeira vez o nome de Evágrio mencionado no contexto das controvérsias origenistas.

Em 418 morre Eustóquia, e em 419, o próprio Jerônimo.

3. Egéria e a Peregrinação à Terra Santa

Um documento muito interessante da leitura monástica mais antiga de língua latina é a narração de uma viagem escrita por uma senhora que fez uma peregrinação à Terra Santa para venerar os Lugares Santos. A obra foi escrita durante a viagem, narrada em primeira pessoa do singular e também do plural, como um diário, ou também como uma série de cartas endereçadas a um certo grupo de senhoras, as quais são difíceis de identificar e que permaneceram no país. Os estudiosos datam a viagem entre os anos de 381-384, ou seja, pouco antes da chegada de Paula à Terra Santa (386).

A personalidade da autora, Egéria, parece-nos muito próxima, por causa do estilo vivaz e direto. Não obstante, essa pessoa permanece oculta sob um véu de mistérios. Escrevendo sobre coisas que encontra no caminho, não nos dá muitas informações sobre si mesma, nem sobre o grupo das senhoras às quais se endereça. Pelo menos não podemos extrair tais informações da parte do trabalho que está conservada; os manuscritos são defeituosos e certas partes do texto foram perdidas.

Egéria parece provir da península Ibérica (a atual Espanha), porque lemos que um bispo lhe disse que ela é vinda a Jerusalém “da extremidade da Terra” (19,5,24). Na Idade Média, a obra tornou-se muito popular. Automaticamente, os escritores medievais identificaram Egéria como uma abadessa que estava escrevendo às suas monjas em um mosteiro ocidental, porque usa a palavra *sórores* (=irmãs). Mas essa palavra provavelmente tem um sentido mais amplo de “irmãs em Cristo”, isto é, significa talvez um grupo de santas mulheres.

A *Peregrinação à Terra Santa* está dividida em duas partes principais:

- 1) Viagens a muitos lugares bíblicos, sobretudo do A.T., que levam a autora também para fora da Palestina;

2) Descrição da liturgia na nova Basílica da Ressurreição (*Anastasis*) em Jerusalém.

A primeira parte começa com a ascensão no Monte Sinai. Depois temos as visitas por toda a Palestina, mas também pela Mesopotâmia (na Síria). A peregrina alcança até Constantinopla. As descrições destas visitas nos dão uma boa idéia do monaquismo que se desenvolvia em torno aos Lugares Santos do meio-Oriente até o fim do século IV. Era um monaquismo que tinha já abandonado, em uma certa medida, o ideal originário do retiro no deserto e da fuga do mundo. Os monges que acompanham o itinerário de Egéria estão totalmente envolvidos nas organizações de hospitalidade relacionadas a grandes grupos de peregrinos. As ocupações destes monges se estendem desde o manter as grandes hospedarias até fazer-se de guias ao lugares de veneração.

Um outro aspecto revela-se sobretudo na segunda parte da obra, dedicada à liturgia de Jerusalém. São os monges que, na *Anastasis*, cuidam das cerimônias de todo o ano litúrgico, cerimônias que são acessíveis a grandes multidões. Assim, o testemunho de Egéria é também uma obra de primeira importância para o estudo da história da liturgia. A obra é também um dos primeiros testemunhos do entrelaçamento do monaquismo nas estruturas institucionais da grande Igreja, um entrelaçamento que se tornará muito característico do monaquismo palestinese.

4. Rufino de Aquiléia (por volta de 345-411) [também: Rufino de Concórdia, ou Tiranio Rufino]

Rufino nasceu por volta de 345 em Concórdia, nos arredores de Aquiléia, a capital que encontramos na biografia de Jerônimo. Entre 359 e 368, Rufino faz os seus estudos em Roma, onde estreita a amizade com o jovem Jerônimo. Depois dos estudos, Rufino retorna a Aquiléia. Em 370, recebe o batismo e depois faz parte da comunidade ascética em torno do bispo Valeriano, com a qual também Jerônimo está unido.

Em 373, como vimos, a comunidade se dispersa por motivos não claros. Rufino se dirige a Roma, onde conhece Melânia (mais

tarde chamada a Anciã), senhora da alta nobreza e extremamente rica, que tornou-se viúva já aos 22 anos. Sobre esta senhora, temos os testemunhos principais em Palladino, *Historia Lausiaca* 46 e 54, e depois, como veremos, em Paulino de Nola, *Carta* 29. Com grande interesse na vida ascética, segundo os modelos orientais, Melânia tomou o navio para Alexandria, vendeu os seus bens e usou o dinheiro para ajudar alguns monges exilados. Depois, retirou-se para Jerusalém e fundou (como já dissemos) um mosteiro feminino sobre o Monte das Oliveiras.

Nesse meio tempo, também Rufino se dirigiu a Alexandria por 6 ou 7 anos. Frequentava Didimo, o cego, e visitava os centros monásticos, sobretudo Níttria e Sceti.

Em 380, Rufino troca o Egito pela Palestina. Chega a Jerusalém e colabora com Melânia na fundação do mosteiro masculino sobre o Monte das Oliveiras. Nesse mesmo período, podemos datar a *Peregrinação* de Egéria (381-384) e, um pouco mais tarde, a dupla fundação de Paulo e de Jerônimo em Belém (386).

Em 393, como já vimos na biografia de Jerônimo, começa a primeira controvérsia origenista. Epifânio de Salamina, que até os anos '70 estava combatendo a popularidade de Orígenes junto aos monges, pede ajuda na sua campanha antiorigenista. Jerônimo consente e muda totalmente a sua opinião a respeito do mestre alexandrino. Rufino, ao invés, permanece fiel a ele e refuta a cooperação na campanha. Começa assim a ruptura entre os amigos, ruptura essa que será muito agravada por todo o contexto político-ecclesial, no qual estão co-envolvidos também os bispos de Jerusalém e de Alexandria, respectivamente João e Teófilo.

Em 397, depois de uma primeira fase do conflito, há uma reconciliação entre Rufino e Jerônimo. Rufino parte para Roma, tendo vivido no Oriente por quase 25 anos. Em 398, atendendo a um pedido, ele traduz a obra-prima de Orígenes, o *Περὶ ἀρχῶν* (*De principiis*), em latim. Sem o seu conhecimento, uma versão não autorizada foi levada a Jerônimo, que se mostra furioso; isso provoca a ruptura definitiva entre os amigos de outrora.

De 399 em diante, reencontramos Rufino em Aquiléia. Continuam os episódios da crise origenista, que desde então se

estende por todo o deserto do Egito. Em 400, depois de uma condenação a Orígenes, pronunciada em Nítria sobre a instigação de Teófilo (depois confirmada pelo Papa Anastácio), os monges origenistas foram expulsos de Nítria e de Sceti com a força militar. Nesse meio tempo há uma áspera polêmica entre Jerônimo e Rufino: algumas obras dos dois autores nascem nesse contexto. Finalmente Rufino, mostrando-se o mais sábio, não responde mais. Observando o silêncio, continua fielmente, até a morte em 411, a traduzir as obras de Orígenes e assim salvou uma grande parte dos escritos do alexandrino, ao menos em versão latina.

A grande parte das obras de Rufino consiste nas traduções latinas de obras gregas, não apenas de Orígenes, mas também de outros autores como Basílio Magno, Gregório de Nazianzo, Evágrio Pôntico e Eusébio de Cesaréia. Deste último, Rufino traduziu a *História Eclesiástica*, acrescentando dois livros para continuar essa história até a própria época. Volta de As suas traduções que nos interessam, que são aquelas de *Asceticon* de Basílio e a de um anônimo *História monachorum in Aegypto*.

- 1) *Asceticon* de Basílio (composto por volta de 365 e traduzido em 397).

Basílio (por volta de 330-379) retirou-se para a propriedade da família em Annesi, em 359, para dedicar-se à vida ascética. Vinham os discípulos e, assim, nasce toda uma comunidade monástica. Depois, em 370, Basílio torna-se Bispo de Cesaréia na Capadócia. Nos anos '60, fazendo a sua experiência monástica, produziu toda uma série de escritos ascéticos que são reagrupados sob o nome *Ascetica*. Esse *corpus* contém também regras monásticas, em várias versões, na forma de perguntas e respostas. A primeira redação da coletânea de tais regras é conservada apenas na versão latina de Rufino (e em uma versão siríaca). Essa versão se chama o “Pequeno *Asceticon*” (*Parvum Asceticum*): é a “Regra de São Basílio” como é tradicionalmente conhecida no Ocidente. Devemos distinguir esta Regra de uma posterior redação mais completa e detalhada, conservada em grego. Esse “Grande *Asceticon*” (*Magnum Asceticum*) é muito mais longo do que o primeiro texto que conhecemos apenas

em latim (e em siríaco), e a data exata não temos. Na tradição oriental, esta longa versão substituiu aquela que entrou no Ocidente.

2) *A História monachorum in Aegypto* (composta ao fim do séc. IV e traduzida em 404).

A discussão científica a respeito desta obra traz a questão sobre qual versão seja a original: o texto grego anônimo, ou também o texto latino de Rufino. Em outras palavras: é preciso considerar Rufino apenas como tradutor, ou também como o autor? G. Trettel, na introdução da sua tradução italiana do trabalho (*Rufino di Concordia: Storia di monaci*, Roma, Città Nuova, 1991, pp. 19-25), continua a apresentar Rufino como o autor de um texto original em Latim. Mas a discussão científica sobre a questão já foi fechada em favor da originalidade do texto grego¹. Rufino, portanto, não é o autor, mas o tradutor.

A *Historia monachorum in Aegypto* representa um gênero literário especial na literatura monástica: é uma coletânea de breves histórias (que no mais são pequenas biografias) dos monges que viveram no Egito, ou que vivem ainda no momento da composição do trabalho. Vêm todos apresentados como exemplos edificantes da vida ascética. Este gênero das “histórias monásticas” se distingue daquele das “vidas monásticas” que são dedicadas a uma só pessoa. Com as “histórias”, ao invés, o autor procura dar um panorama global de todo o movimento monástico em uma certa região. Dois outros famosos exemplos deste gênero são a *Historia Lausiaca* de Paládio (por volta de 420) e a *Historia Philothea* (História dos monges da Síria) de Teodoreto de Ciro (por volta de 440).

Essa forma de historiografia existia já antes do monaquismo, seja na literatura pagã, seja na cristã, mais vezes sob o título de *De viris illustribus* (Svetonio, e depois Jerônimo). Também o gênero da *Historia ecclesiastica*, iniciado por Eusébio de Cesaréia (por volta de

¹ Veja-se sobretudo a ampla introdução na edição crítica do texto latino de E. SCHULTZ-FLÜGEL, *Tyrannius Rufinus: Historia monachorum sive De vita sanctorum Patrum*, *Patristische Texte und Studien* 34, Berlin / New York (W. de Gruyter) 1990, pp. 3-89 (e especialmente pp. 3-4). Também De Vogüé considera Rufino como tradutor de um texto grego anônimo: “o autor permanece desconhecido”, A. De VOGÜÉ, *Il monachesimo prima di San Benedetto*, Seregno 1998, p. 23.

320) está muito próximo dessa forma de historiografia: passa em revista toda uma série de homens exemplares.

5. Sulpício Severo e a *Vida de Martinho*

Sulpício Severo (por volta de 363-420/25), nascido em Aquitânia, província da Gália, de uma família aristocrática, recebe a educação clássica em Bordeaux, onde se encontra um centro de estudos. Ali encontra Paulino de Nola, dez anos mais velho, com o qual estreita amizade. Sulpício, jovem dotado de um grande talento retórico, tem a perspectiva de uma brilhante carreira de advogado. Casa-se com uma mulher da rica família consular. Nessas circunstâncias de uma vida profana muito promissora, sente-se também atraído pela vida espiritual. Recebe o batismo por volta de 389.

A amizade com Paulino leva Sulpício à admiração pela vida ascética. Ele vive uma primeira conversão ainda hesitante, porque não tem o caráter adaptado a um ascetismo rigoroso. A sua vida permanecerá sempre caracterizada por uma grande tensão entre a admiração que tem pelos ascetas rigorosos como São Martinho, e a impossibilidade de ele mesmo, como intelectual, renunciar radicalmente aos privilégios do seu alto padrão social.

Nos anos 393-397, Sulpício faz visitas a Tours para encontrar o velho bispo Martinho (por volta de 316-397) e receber conselhos. Nesse período, morre a mulher. Emerge também uma profunda influência da sogra Basula, que é muito inclinada à vida ascética e, também ela, admiradora do bispo de Tours. Todas essas experiências levam Sulpício a dedicar-se à vida ascética. Retira-se a Primuliacum e reúne em torno a si um grupo de amigos para compartilhar a vida monástica. Não é fácil reconstruir de modo exato os detalhes da vida de Sulpício naquele período.

Em 396, ou 397, pouco antes da morte de Martinho, Sulpício escreve a *Vida* do bispo-monge tão admirado. Logo acrescenta três *Cartas* para responder às críticas dos adversários e para descrever a morte do santo. De fato, Martinho era uma pessoa contestada: pela sua radical oposição às crenças populares das tribos galicanas e o seu rigorismo ascético não era amado pelo clero.

Em 404, Sulpício escreve os três *Diálogos* com os quais quer demonstrar que Martinho iguala, se não supera, os ascetas mais famosos do Egito. Os *Diálogos* nos revelam também muito sobre a vida do próprio Sulpício e da sua comunidade ascética em Primuliacum. Tem-se a impressão de que o ascetismo ali estava muito distante daquele praticado pelo próprio Martinho, e ainda mais do que existia entre os monges no deserto egípciano. Em Primuliacum se tinha, ao contrário, a vida luxuosa das altas classes sociais, com um belo número de servidores.

Sulpício Severo morre no período entre 420-425.

As obras de Sulpício não nos permitem reconstruir com certeza uma cronologia detalhada da vida de Martinho de Tours como figura histórica. Ao lado destas obras temos ainda outras fontes, sobretudo duas *Vidas* escritas quase dois séculos mais tarde por Venâncio Fortunato (por volta de 575) e por Gregório de Tours (por volta de 590). A primeira destas *Vidas* depende muito de Sulpício, mas entre o testemunho de Gregório e aquele de Sulpício, temos discordâncias significativas. Tudo isso, toca à questão espinhosa da historicidade das fontes, sobretudo daquelas de gênero hagiográfico. Podemos ao menos indicar as grandes linhas da vida de Martinho, seguindo Sulpício com alguma distância crítica.

Martinho teria nascido em 316 ou em 317. O pai era um oficial do exército romano. Recebeu a educação em Pavia (ao Sul de Milão). Sulpício o descreve como um *puer senex*, isto é, como um rapaz com a sabedoria de um ancião, segundo o típico esquema hagiográfico da *precocidade* (= maturidade antes do tempo) do menino predestinado à santidade. Aos 10 anos, Martinho teria já pedido para tornar-se catecúmeno² e aos 12 anos teria já desejado a vida do deserto³.

² Naquele período era mais freqüente o hábito de adiar o batismo até uma idade depois da adolescência, quando as paixões são ainda difíceis de controlar. Esse hábito explica-se, sobretudo, pela severidade das normas para a reconciliação daqueles que, uma vez batizados, recaíam no pecado.

³ Segundo Christina Mohrmann, “não é possível que em Pavia, em 329, um rapaz de doze anos soubesse dos ascetas do deserto e da sua vida”, C. MOHRMANN, “Introdução” in *Vita di Martino – Vita di Ilarione – In memoria di Paola*, Vita dei Santi IV, Milano (L. Valla / ^a Mondadori) 1975, p. XIX. Assim como Atanásio permanecera no Ocidente apenas nos anos 335-337 (Treviri) e 340-346

Depois, aos 15 anos, Martinho teria sido constrangido pelo pai a fazer o juramento militar, tornando-se soldado contra a própria vontade. Sulpício sublinha que no exército o jovem militar se dedicava à prática das virtudes: era antes monge do que soldado⁴. Neste período inicial no exército, podemos colocar a famosa cena do soldado Martinho que divide o manto com o mendicante (*Vida*, 3).

Aos 18 anos, segundo Sulpício, Martinho recebe o batismo. Prefere deixar o serviço militar para tornar-se monge, mas devido a uma ligação de amizade com o tribuno, Martinho decide permanecer ainda 3 anos no exército, sendo “soldado” apenas de nome. Obviamente, Sulpício reduziu o período de serviço militar, sublinhando sobretudo a relutância do santo com respeito ao seu estado. Na realidade, parece mais plausível que Martinho tenha cumprido um período completo no exército, que durava 25 anos, isto é, de 331 a 356. Depois de ter pedido a licença (concederam-lhe não sem dificuldade, segundo Sulpício), Martinho mostra-se desejoso de dedicar-se à *militia Christi*. Estamos, então, segundo uma reconstrução fidedigna, em 356. Martinho se dirige a Ilário, bispo de Poitiers (por volta de 300-368) para pedir-lhe conselho. Ilário, de sua parte, procura associar o soldado de Cristo a si em um encargo pastoral, mas Martinho se mostra mais inclinado à vida ascética no retiro. Quando Ilário foi ao exílio (por causa da crise ariana), Martinho faz algumas viagens que o levam a Milão, onde se estabelece em um eremitério para fazer a primeira experiência monástica. Depois, é expulso por um bispo ariano e se retira à ilha de Galinária (nas proximidades da Costa Ligure, onde hoje se encontra Gênova).

(Roma/Itália), o rapaz, já em 329, não teria podido saber nada sobre o monaquismo no Egito. Porém, esse motivo de Mohrmann não parece ser forçado. Se bem que saibamos pouquíssimo sobre as origens históricas do movimento monástico no deserto do Egito, devemos colocar estas origens o mais tardar ao fim do século III. Não podemos, portanto, excluir que no Ocidente, em torno a 330 (isto é, ao menos 40 anos depois), tinha-se já ouvido falar desse movimento, também independentemente de Anastácio.

⁴ Uma carreira no exército não era muito valorizada nos ambientes ascéticos que desde então existiam, ao final do século IV, quando Sulpício estava escrevendo. O hagiógrafo tem, portanto, a tendência de diminuir o mais possível as dimensões da identidade militar de seu herói.

Finalmente retorna a Poitiers (onde Ilário retorna do exílio) e se estabelece em uma cela não distante da cidade, isto é, em Ligugé. Vêm os discípulos e nasce uma fundação monástica. Nesse meio tempo, segundo a narração de Sulpício, Martinho faz milagres, ressuscitando os mortos.

Em 371, por desejo do povo, Martinho é eleito bispo de Tours, não obstante uma forte oposição de um belo número de bispos e de membros do clero. Também aqui Sulpício usa um lugar comum para sublinhar o caráter monástico do santo: teria sido ordenado contra a própria vontade. Apenas com um disfarce (vem com o pretexto de que a mulher esteja doente) consegue arrebatar o homem de Deus de seu eremitério e levá-lo a Tours (*Vida*, 9). Depois, Sulpício sublinha que interiormente o novo bispo permanece monge. Tem a sua cela contígua à igreja e procura levar uma vida solitária, tanto quanto possível. Finalmente se estabelece um pouco mais longe da cidade. Muitos se unem a ele e assim nasce a fundação de Marmoutier (*Vida*, 10).

Um tema fundamental na *Vita Martini* – tema que ainda não encontramos – é a luta do monge-bispo contra a superstição do povo bárbaro. Naquele tempo (estamos na metade do século IV), as tribos galicanas foram cristianizadas apenas parcialmente. Com muitas anedotas, Sulpício narra como o santo age com firmeza contra os lugares sagrados e contra as práticas religiosas dos pagãos. São historietas que à primeira vista parecem ser antes contos (por ex. *Vida*, 13,3-9). A luta contra a superstição pagã é uma variante da luta ascética contra o demônio. Mas há também o confronto direto do santo monge com o diabo (*Vida*, 22,1-5).

Em tudo na *Vita Martini*, podemos ver a exemplar santidade do herói, manifestada no exterior: a alta moralidade do jovem soldado, os milagres do monge e depois do bispo, os confrontos com a superstição e com o diabo. Apenas nos capítulos conclusivos (26-27), Sulpício nos revela brevemente alguma coisa sobre a vida interior do santo, sublinhando a própria incapacidade de descrevê-la de modo adequado.

6. Cassiano

O jovem Cassiano nasce por volta de 360, mas não sabemos com certeza onde. Segundo Gennadio, autor do século V que escreveu um *De viris illustribus*, no qual inclui também Cassiano (cap. 61), este teria nascido na Scizia menor, onde se encontra hoje a Romênia. Segundo alguns estudiosos, ao invés, Cassiano provinha da região onde transcorreu também a última etapa de sua vida, isto é, na Gália meridional, nos arredores de Marselha (Provença). De qualquer forma, Cassiano nasce de uma família de alta classe e recebe uma educação clássica, que lhe ajudou a cultivar a sua habilidade literária. Conhecia bem o latim e o grego.

Em torno a 378-80, ainda rapaz, entrou em um mosteiro de Belém junto com o amigo Germano. Como vimos, os Lugares Sagrados, naquela época, eram muito populares entre os ocidentais. Estamos a apenas poucos anos antes da peregrinação de Egeria (384) e do estabelecimento de Jerônimo em Belém (386). Porém, já antes das vindas de Egeria e depois de Jerônimo, em 382, Cassiano fez uma viagem ao Egito junto com o companheiro Germano, para conhecer os grandes centros do monaquismo. Visitaram a Tebaida no Sul, isto é, o ambiente dos mosteiros pacomianos, e depois se estabeleceram mais ao Norte em Sceti, isto é, no deserto dominado pelo influxo de Santo Antônio e de tantos outros grandes monges, cujos nomes foram transmitidos sobretudo na *História Lausíaca*, de Paladino, e nos Apoftegmas, ou seja, os Ditos dos Padres do deserto.

Depois de longos anos, apenas em 399, constrangidos pelos episódios da controvérsia origenista, Cassiano e Germano deixaram o Egito e se transferiram para Constantinopla. O famoso patriarca João Crisóstomo consagrou diácono Cassiano, que, ao contrário, estava relutante em tomar sobre si os encargos eclesiásticos.

Em 404, depois da queda de João Crisóstomo, os dois amigos transferiram-se para Roma para levar uma carta do ex-patriarca ao Papa Inocêncio. Em Roma, Cassiano passa vários anos, estreita amizade com o futuro Papa Leão Magno e foi ordenado sacerdote. Naquele período, morreu o inseparável amigo Germano.

Por volta de 415, Cassiano transferiu-se para Marselha, onde passou os últimos 18 ou 20 anos da vida. Fundou dois mosteiros, um

masculino de São Vitor e um feminino, de São Salvador. Tomou sobre si o cuidado de organizar o monaquismo ocidental, já instalado em Lérins, sobre a ilha perto de Marselha, em torno do ano 400 (v. *infra*, parágrafo 8). Com a sua longa e rica experiência no deserto do Egito, Cassiano é um dos principais responsáveis pela transferência do ideal monástico egípciano ao mundo ocidental.

Durante o período em Marselha, Cassiano escreveu as suas obras, que são três (ao menos aquelas que temos). Entre 420-424 escreve as *Institutiones* (Instituições cenobíticas), a pedido do bispo Castor. Esta obra consiste de uma primeira parte com descrições, diremos “regras”, e uma segunda parte que trata sobre oito vícios capitais, segundo o forte influxo de Evágrio Pôntico (por volta de 345-399), que reuniu em síntese toda a tradição monástica egípciana até o fim do século IV.

Depois, nos anos 426-429, Cassiano escreveu a obra-prima, as *Conlationes* (Conferências). É um trabalho muito amplo que consiste em 24 “entrevistas” feitas com os Anciãos famosos do deserto do Egito. Cassiano, escrevendo de memória depois de mais de 25 anos, fez, ao invés, longos monólogos em forma literária, postos na boca destes Anciãos, para transmitir os fundamentos do seu ensinamento espiritual. As *Conlationes* não só são uma fonte de primária importância para o nosso conhecimento do monaquismo inicial egípciano, mas também permaneceram como um “clássico” durante toda a história do monaquismo ocidental. Revelam uma grande sensibilidade psicológica e uma atmosfera muito semelhante àquela que emerge das obras de Evágrio.

Em torno a 430, Cassiano escreve uma terceira obra, para nós muito menos importante, que é preciso mencionar para sermos completos. Estourada a controvérsia cristológica contra Nestório, que tendia a separar em Cristo a natureza divina daquela humana, Cassiano defendeu a fundamental unidade no Verbo encarnado em uma obra contra Nesório: *De incarnatione Domini contra Nestorium*.

Cassiano morreu em 432, segundo alguns estudiosos, ou em torno de 435, segundo outros.

7. Paulino de Nola e a *Carta 29* sobre Melania a Anciã

Paulino de Nola (por volta de 353-431) nasce em Bordeaux de uma família aristocrata de Aquitânia. Aos vinte anos, transfere-se para Roma para fazer carreira política. Em 379, torna-se governador da Campania por um breve período. Faz então o primeiro contato com Nola (ao norte de Nápoli).

Depois, o encontramos em Aquitânia e na Espanha. Casou-se com Tarasia, uma mulher espanhola, e fez uma vida de grande senhor, riquíssimo. Mas acontecimentos dramáticos (como a morte do irmão e do pequeno filho) o impeliram a uma conversão profunda. Em 389, recebe o batismo em Bordeaux, isto é, no mesmo período no qual o seu amigo Sulpício Severo, que tem 10 anos menos, é batizado. Em 394, Paulino torna-se padre em Barcelona. Depois, vende todas as riquezas, retorna a Nola para retratar-se próximo à tumba de São Félix, onde funda um mosteiro. Também sua mulher está em Nola, em um mosteiro feminino. Por volta de 410, torna-se bispo de Nola, onde permanece ainda uns vinte anos, até a morte em 431.

Os escritos de Paulino se dividem em um *Espistolário* de 51 cartas e uma *Coleção de poesias* que contém 29 cânticos (ou poemas) autênticos. A nós interessa a *Carta 29* sobre a vida de Melania a Anciã (ver também, acima, na biografia de Rufino). Essa carta foi escrita na primavera de 400 e endereçada ao amigo Sulpício Severo. Podemos considerá-la uma espécie de *Vida de Melania*, modelada sobre a *Vida de Martinho*. Paulino de Nola tinha grande admiração por essa mulher, o que é explicado também por uma grande afinidade. Depois da perda de dois filhos, Melania, extremamente rica, abraçou a vida ascética, dirigindo-se ao Oriente, em 373. Como já foi dito, ela usava os bens para ajudar alguns monges exilados e depois recolheu-se a Jerusalém, onde fundou um mosteiro feminino sobre o Monte das Oliveiras. Mais tarde, Rufino, vindo do Egito, junta-se a ela para guiar o mosteiro masculino. Também Paulino, homem rico, porém amadurecido por experiências dolorosas, dedicou os seus bens a uma dupla fundação monástica.

Por volta de 400, Melania, depois de uma estada de mais de 25 anos no Oriente, retorna à Itália. Chega propriamente em Nápole, e tem uma grande multidão de parentes ricos e amigos que a acolhem e

a acompanham pela estrada a Nola, ao mosteiro de Paulino. A impressão que se tem dessa mulher, forte “não obstante” o seu sexo, encontramos na *Carta 29*.

8. Agostinho

Agostinho de Hipona (354-430) nasceu em Tagaste, a cerca de 150 Km sudoeste de Cartagena. O pai não era cristão, mas fez-se batizar pouco antes da morte. A mãe, Santa Mônica, ao contrário, foi uma ardente cristã. Agostinho foi educado na fé da mãe, mas os episódios da juventude, a dissolução da adolescência, e sobretudo o criticismo com o qual procurava a verdade absoluta fazem pensar que, no início do caminho existencial, Agostinho fora impelido por um impulso emotivo de rebelar-se contra um ifluxo materno assaz dominante. Ao lado da educação cristã, freqüentava o ciclo clássico da educação profana. Nas *Confissões*, a autobiografia de maior importância para seguir Agostinho em sua estrada, lemos quantas dificuldades teve com o ensinamento da língua grega. Estamos já no período no qual o conhecimento do grego estava declinando entre os intelectuais do mundo ocidental.

Em 370, Agostinho encontra-se em Cartagena para fazer os estudos superiores. Aos dezesseis anos, vemo-lo comportar-se do modo desequilibrado que caracteriza a juventude de quem tem tal temperamento: faz maldades para os companheiros, tem as primeiras aventuras sexuais⁵, e tem a aparente rebeldia de um o jovem que deve ter procurado libertar-se da mãe.

Durante os estudos, Agostinho lê *Hortensius* de Cicerone. Isso desperta nele “o amor pela sabedoria”, isto é, pela “filosofia”, entendida como a procura, seja da verdade absoluta (Deus), seja do modo justo de viver (a aquisição das virtudes). Daquele momento em diante, a existência do jovem Agostinho será atormentada por uma forte tensão entre o temperamento veemente, com a atração dos desejos, dos prazeres, das paixões e das vontades, e a ansiedade de encontrar a verdade no sentido religioso, intelectual e moral. Por causa

⁵ Bem cedo Agostinho tem uma relação estável com uma mulher, da qual terá o filho Adeodato, em 372 (isto é, aos 18 anos). Essa relação durará até 384, quando Agostinho rompe com ela durante o processo da sua conversão.

das características exuberantes, o fogo da vitalidade não encontra logo o seu equilíbrio.

Há também uma outra tensão. Em *Hortensius*, de Cicerone, Agostinho não encontra o nome de Cristo. De outra parte, a fé católica recebida da mãe não lhe oferece, à primeira vista, um quadro coerente como base sólida para fundar uma vida religiosa e intelectual. Temos dois obstáculos que impedem a sua mente culta e crítica de aceitar as Escrituras: os *antropomorfismos* (Deus parece ser representado sob “formas” muito “humanas”) e o *estilo pouco literário* (a mentalidade semítica é difícil de reconciliar com as normas literárias do mundo clássico). Por consequência, Agostinho fará uma longa estrada de busca fora da Igreja Católica (isto é, universal). Por nove anos, 374 a 383, abraça a seita dos Maniqueus, uma seita esotérica com muitas semelhanças com o gnosticismo⁶. Mas nem nessa seita Agostinho encontra satisfação, nem intelectualmente, nem moralmente. Finalmente, o encontro com um certo Fausto, mestre maniqueu, com o qual Agostinho procura discutir as suas dificuldades, o frustra de tal forma que o leva a romper com a seita.

Depois de uma estada em Roma, em 383 (provavelmente para fugir da mãe), o encontramos em Milão em 384, onde freqüentava a pregação do grande bispo Ambrósio. A explicação espiritual (ou alegórica) da Bíblia lhe abre os olhos: atrás dos aparentes antropomorfismos esconde-se um sentido infinitamente mais profundo.

Permanecem, porém, outras dificuldades que são um obstáculo à aceitação da fé católica: o costume de Agostinho mesmo de imaginar Deus de um modo muito material, e a questão da origem do mal, se precisa assumir que Deus seja bom. Para essas dificuldades, Agostinho encontra soluções nos livros dos neoplatônicos. Ali descobre o caminho da interiorização: Deus é totalmente imaterial e podemos descobri-lo em nós mesmos. No que se refere ao mal, não pode ser entendido como uma “substância” que existiria ao lado de Deus e independente d’Ele. O mal é um *não-ser*: é apenas a essência

⁶ Os Maniqueus inspiravam-se na vida na pregação de Mani, um persa do século III que se considera o “Messias” definitivo, do qual Jesus teria sido apenas um precursor.

do bem. Depois, Agostinho começa a ler os livros de São Paulo para encontrar Cristo.

Estamos agora em 386, quando todos os obstáculos intelectuais contra a fé cristã foram finalmente removidos. Porém, falta ainda a força para fazer a conversão moral. A este ponto, Agostinho ouve a história do monge Antônio da boca de um certo Ponticiano, um oficial da corte imperial. Ele narra também como a leitura da *Vita Antonio* (obviamente em versão latina) levou dois colegas a abraçarem a vida monástica. A inspiração deste tipo de vida estava difundindo-se rapidamente no mundo ocidental, até agora sem o conhecimento de Agostinho. O efeito psicológico dessa revelação é enorme (*Confessiones* VIII, 14-16). Atormentado pela experiência da própria miséria e pela impossibilidade de mudar a vida com as próprias forças, Agostinho, junto com o companheiro Alípio, retira-se ao jardim da casa onde se encontram. Afasta-se um pouco do companheiro e vive um tremendo conflito interior que não parece terminar mais. Geme e chora na amargura de seu coração contrito. Segue-se a famosa “cena no jardim”, onde uma experiência sobrenatural o leva à conversão final (*Conf.* VIII, 29).

Agora totalmente convertido à fé cristã, Agostinho retira-se a Cassiciaco (30 Km ao norte de Milão) com alguns companheiros, para preparar-se para o batismo. Passam o tempo em oração, com leituras bíblicas e com conversações religiosas. Nesse período, Agostinho redige os seus primeiros escritos que juntos formam os *Diálogos*. Na noite pascal de 387, Agostinho e os companheiros recebem o batismo das mãos de Ambrósio. Agostinho retorna à África junto com a mãe que o seguiu até Milão, e com a qual a relação é restabelecida depois da conversão total do filho. Passam por Ostia, onde, depois de uma última conversação, Mônica morre em grande felicidade.

Em 388, retornado a Tagaste, Agostinho cria uma comunidade monástica com os amigos. Em 391, é ordenado sacerdote em Hipona (na costa, 20 Km a Oeste de Cartagena). Agostinho começa o processo da composição da Regra que sairá em duas versões. A primeira, brevíssima, é conhecida como *Ordo monasterii* (395). Se bem que a autenticidade não seja certa, esse documento provém seguramente do círculo em torno a Agostinho; talvez o texto tenha

sido escrito por Alípio, o companheiro com o qual Agostinho estava no jardim no momento decisivo da sua vida.

Em 396, Agostinho é ordenado bispo em Hipona. Daquele momento em diante, a sua vida será caracterizada pela tensão clássica entre atividade pastoral e o desejo do ócio da vida contemplativa. Essa tensão será um tema que se encontra por toda parte na história da vida religiosa, sobretudo no mundo ocidental.

Nos anos 397-400, agora bispo, escreve as suas *Confissões* como uma longa oração endereçada a Deus, perfazendo com a memória toda a longa estrada que percorrera. É um testemunho autobiográfico muito detalhado, que porém pode ser colorida, de uma certa forma, por experiências posteriores. No mesmo tempo, talvez em 400, termina a *Regula ad servos Dei (Praeceptum)*, tradicionalmente conhecida como a Regra definitiva de Santo Agostinho.

Os outros escritos monásticos que nos interessam aqui são: a *Carta 48* (398), o tratado *Sobre o trabalho dos monges* (400), a *Carta 130* (411/12), a *Exposição sobre o Salmo 132* (412) e a *Carta 211* (por volta de 424). Ao lado desses escritos, Agostinho produziu ainda muitas obras. Limitamo-nos aqui a duas obras-primas ainda não mencionadas: o tratado *Sobre a Trindade* (399-412) e a *Cidade de Deus* (413-426). Agostinho morre em 430.

(Para os últimos anos: A. DE VOGÜÉ, *Il monachesimo prima di S. Benedetto*, pp. 145-147).

9. Lérins: a Regra dos Quatro Padres e a Segunda Regra dos Padres

Em torno a 400, nasce a comunidade monástica de Lérins sob uma minúscula ilha, próximo à costa entre Marselha e Gênova, mais ou menos onde hoje a Itália e a França se tocam. Era uma zona onde já Martinho de Tours havia feito a experiência com a vida eremítica (Galínia, por volta de 360; ver acima). Também de Jerônimo e de Ambrósio temos alguns testemunhos da popularidade das numerosas ilhotas nessa região, junto àquelas que queriam abraçar a vida ascética.

Desta comunidade de Lérins sai, como “carta de fundação”, uma Regra sob os nomes de “Quatro Padres” que parecem ser

egípcios: a *Regra dos santos Padres Serapião, Macário, Pafúncio e o outro Macário*. Mas estes nomes são pseudônimos. Além do mais, os dois “Macários” referem-se a uma só pessoa. Temos então *três* autores *ocidentais*. Destes três, “Pafúncio” vai provavelmente identificado como Onorato, isto é, o fundador da comunidade de Lérins.

Em 427, há uma renovação da Regra dos Quatro Padres, sob um novo superior Máximo: fala-se da *Segunda Regra dos Padres* (OBS.: é preciso corrigir a data 527 que aparece no livro de De Vogüé, no título, à pág. 57 e no índice, onde aparece o mesmo título; a data correta de 427 encontra-se também no texto, na págs. 57 e 60). A característica mais importante desta renovação é que a obediência vem desde já posta em um contexto de caridade, de unidade fraterna e de reciprocidade. Ao invés, a regra dos Quatro Padres, a esse respeito, prestava atenção quase exclusivamente ao aspecto vertical, isto é, à relação dos irmãos individualmente com o superior. Enquanto esse aspecto vertical é sublinhado também por Jerônimo na *Carta 22,34-36*, o aspecto da caridade recíproca nas relações fraternas se encontra mais desenvolvida no *Praeceptum* de Agostinho, segundo o modelo da Igreja primitiva nos *Atos 4,32.35*.

Uma outra novidade interessante é o uso da palavra, no texto latino, *medite* (OBS.: a forma segundo o latim não vem mencionada por De Vogüé, apenas referindo-se a esta como “palavra estranha”, na pág. 63 do livro). Essa palavra, que não existe em latim, é mais ou menos uma transliteração do grego *μελεατη*, que significa: “atenção”, “exercício”, “estudo”, e depois indica a prática de memorização diante da recitação em alta voz. Na realidade, o termo latino é *meditatio*, e assim encontramos o verbo *meditari* em Agostinho, *Sobre o trabalho dos monges*, 17.20 (para a versão italiana: ver as fotocópia desse texto, p. 563, última palavra).

Aqui, como na *Segunda Regra dos Padres*, vemos uma integração da prática da *lectio* com aquela do trabalho manual.

10. Cesário de Arles e a *Regra das Virgens* (534)

(Ler: A. DE VOGÜÉ, *O monaquismo antes de São Bento*, pp. 135-144)

SUMÁRIO DO MONAQUISMO OCIDENTAL NOS SÉCULOS IV-VI

Ao final do curso, seria útil colocar em conjunto algumas datas em uma cronologia. Para evitar um elenco muito longo, não serão incluídas aqui as datas das obras que temos visto (a não ser algumas exceções), nem aquelas do nascimento das pessoas.

Primeira metade do século IV: No Ocidente, começa-se a ouvir sobre os monges egípcios e a imitar o seu exemplo com os primeiros experimentos de vida monástica.

- 335-337: Atanásio no exílio em Trevere.
- 340-346: Atanásio no exílio em Roma e na Itália.
- 356: Morte de S. Antônio.
- 357-360: *Vita Antonii* e primeira tradução latina.
- 360 (aprox.): Primeiras experiências monásticas de S. Martinho (Milão, Galinaria, Poitiers).
- 370-375: Segunda tradução latina da *Vita Antonii*.
- 370-373: Experiência de vida monástica em Aquileia (com os jovens Jerônimo e Rufino).
- 371: S. Martinho torna-se bispo em Tours; fundação de Marmoutier.
- 373-378: Melania e Rufino vão ao Oriente. Dupla fundação em Jerusalém.
- 375-379: Jerônimo no deserto de Calcide.
- 380-381: Jerônimo em Constantinopla.
- 381: Segundo Concílio Ecumênico Constantinopolitano.
- 381-384: Peregrinação de Egeria.
- 382-385: Jerônimo em Roma; guia espiritual de mulheres como Marcela, Paula, Eustoquia.
- 382: Cassiano começa sua estada no Oriente.
- 386: Conversão total de Agostinho em Milão (a “cena do jardim”); Jerônimo chega em Belém, onde se encontra já Paula. Dupla fundação.
- 387: Batismo de Agostinho, recebido de Ambrósio em Milão.

- 388: Agostinho retorna a Tagaste na África; comunidade monástica com os amigos.
- 393: Início da Primeira Controvérsia Origenista; conflito entre Jerônimo e Rufino
- 395 (aprox.): Dupla fundação de Paulino e a mulher em Nola.
- 396: Agostinho torna-se bispo em Hipona.
- 397: Rufino deixa Jerusalém e retorna a Roma; morte de S. Martinho.
- 400: Condenação de Orígenes e expulsão dos monges origenistas do deserto do Egito; Cassiano deixa o Egito, retira-se a Constantinopla e depois Roma; Melania a Anciã retorna ao Ocidente – é acolhida por Paulino de Nola.
- 400-410: Fundação de Lérins por Onorato e companheiros. *Regra dos Quatro Padres.*
- 404: Morte de Paula.
- 410: Paulino torna-se bispo em Nola.
- 411: Morte de Rufino.
- 415: Cassiano chega a Provença. Dupla fundação (masculina e feminina).
- 419: Morte de Jerônimo.
- 420-425: Morte de Sulpício Severo.
- 420-430: Obras de Cassiano.
- 427: Onorato de Lérins torna-se bispo de Arles. *Segunda Regra dos Padres.*
- 430: Morte de S. Agostinho.
- 431: Morte de Paulino de Nola.
- 432/435: Morte de Cassiano.

Não vimos o longo período de quase 100 anos que separa a morte de Agostinho e de Paulino do tempo de São Bento. Seguem algumas datas significativas:

Início do século VI: A Regra do Mestre

- 529: Fundação de Montecassino por São Bento.
- 532: Morte de Fulgêncio de Ruspe.

- 534: Cesário de Arles promulga a *Regra das Virgens*.
 542: Morte de Cesário de Arles.
 547: Morte de São Bento.

Conclusão

O monaquismo ocidental nasceu daquele oriental. Sabemos pouquíssimo sobre o período antes da *Vida de Santo Antônio* e da sua primeira versão latina. Essa obra parece ser a fonte de inspiração mais importante. Porém, não podemos excluir a existência de outros canais de inspiração, também antes dos escritos de Atanásio.

Próximo às primeiras gerações dos monges ocidentais sobre os quais podemos recontar a história, vemos quase uma total dependência do monaquismo oriental. Quase todas as grandes figuras passaram longos anos no Oriente. É na *Vida de São Martinho* que vemos pela primeira vez um monaquismo com as raízes verdadeiramente no Ocidente (certamente não sem os influxos do Oriente). Esse monaquismo está indissolúvelmente conectado com a atividade pastoral, frequentemente por força, como o vemos também no monaquismo agostiniano. A típica tensão entre *vida contemplativa* e *vida ativa* será um tema fundamental em toda a história da vida religiosa ocidental.

Bibliografia reduzida

AA. VV., *Il monachesimo occidentale. Dalle origini alla Regula Magistri. XXVI Incontro di studiosi dell'atichità cristiana* (Roma, 8-10 de maio de 1997), *Studia Ephemeridis Augustinianum* 62, Roma, 1998.

COLOMBÁS, G., *El monacato primitivo I. Hombres, hechos, costumbres instituciones*. Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1974.

DEGÓRSKI, B., *Sw. Hieronim: Zywoty mnichów Pawla, Hilariona, Malchusa*, *Zródła monastyczne* 10, Kraków (Tyniec), 1995. (Versione italiana: *Girolamo: Vite degli eremiti Paolo, Ilarione e Malco*, *Coliana dl testi patristici* 126, Roma, 1996.

KELLY, J., *Jerome*, New York, etc. (Harper & Row) 1975.

MOHRMANN, C., “Introduzione” in G. BARTELINIK, *Vita di Antonio, Vite dei Santi I*, Milano (Lorenzo Valla/ Mondadori) 1991⁵ (1974), VII-LXVII.

_____, “Introduzione” in A. BASTIAENSEN, in *Vita di Martino, vita di Ilarione, in memoria di Paola*, Vite dei Santi IV, Milano (Lorenzo Valla/A. Mondadori) 1975, IX-LXI.

RUBENSON, S., *The Letters of St. Antony: Monasticism and de Making of a Saint*, Studies in Antiquity & Christianity, Minneapolis (Fortress Press) 1995.

STEWART, C., *Cassian the Monk*, Oxford Studies in Historical Theology, New York/Oxford (Oxford Univ. Press), 1998.

TRAPÈ, A., *Agostino. L'uomo, il pastore, il mistico* (ed. Rivista e ampliata) Roma (Città Nuova), 2001 (1976).

A. DE VOGÜÉ, *Histoire littéraire du mouvement monastique dans l'antiquité. Première partie: Le monachisme latin* (7 voll.), Paris 1991-2003.

_____, *Il monachesimo prima di san Benedetto* (Orizzonti Monastici 18), Seregno 1998.

_____, *Regards sur le monachisme des premiers siècles. Recueil d'articles*, Studia Anselmiana 130, Roma 2000, pp. 147-257.

INDEX

LITERATURA MONÁSTICA LATINA	1
LITERATURA MONÁSTICA LATINA DOS PRIMEIRO	
SÉCULOS	2
Introdução.....	2
1. Atanásio, a Vida de Antônio (Antão) e as primeiras traduções	
latinas	2
2. Jerônimo	3
3. Egéria e a Peregrinação à Terra Santa.....	7
4. Rufino de Aquiléia (por volta de 345-411) [também: Rufino de	
Concórdia, ou Tiranio Rufino]	8
5. Sulpício Severo e a <i>Vida de Martinho</i>	12
6. Cassiano	16
7. Paulino de Nola e a <i>Carta 29</i> sobre Melania a Anciã	18
8. Agostinho	19
9. Lérins: a Regra dos Quatro Padres e a Segunda Regra dos Padres	
.....	22
10. Cesário de Arles e a <i>Regra das Virgens</i> (534)	23
SUMÁRIO DO MONAQUISMO OCIDENTAL NOS SÉCULOS	
IV-VI	24
Conclusão	26
Bibliografia reduzida.....	26